

Lisístrata

As mulheres e a defesa da vida

Notas psicanalíticas sobre a comédia clássica de Aristófanes

Marta Nidia HOJVAT | Marcela Ana ESCRIBANO | Cecilia FIELD | Graciela MATIA | Maria Paula YAPUR PELAGATTI

Corifeu de mulheres e Lisístrata:

*Estou disposta a realizar o que seja
Nós temos dotes naturais;
Galhardia, coragem,
Sabedoria, valor patriótico, e prudência*

*Eros e Afrodita nos infundem às mulheres
Desejos nas entranhas e nas coxas
E fazem crescer nos varões uma agradável turgescência
E um pau persistente*

Façamos o amor e não a guerra.



Aristófanes

A obra

Resumo e redação da comédia de Aristófanes.

O conteúdo foi respeitado cuidadosamente.

Lisístrata consegue unir a todas as mulheres gregas, envoltas num mundo em guerra. Convoca às mulheres de Atenas e às dos povos rivais;

“Que se juntem a nós todas as mulheres de Beocia, todas as mulheres do Peloponeso e com nós está toda Grécia.”

Pela paz e a vida de seus homens. “Nós, todas juntas salvaremos a Grécia”

As mulheres chegam tarde, retidas pelas tarefas domésticas, os filhos.

Seu lugar social é só o lar e a criação dos filhos. E esperar longos meses o regresso incerto dos homens da guerra.

“No lar, sempre com o ônus em cima”

É uma comédia do teatro clássico grego, as cenas são grosseiras, o texto e atitudes impudentes, tudo tem duplo sentido. O conteúdo é muito profundo e surpreendentemente atual.

Em frente à guerra inútil, Lisístrata tem um plano para conseguir a paz.

Tem; a “Chave da salvação”, a arte feminina de seduzir, o erotismo, o amor. A chave está feita de túnicas transparentes, azeites, perfumes, sandálias.

As mulheres se negarão precisamente à sexualidade; não mais relações amorosas até que se alcançar a paz.

A ausência dos homens é longa e sentida, as mulheres estão “dispostas a todo” para conseguir a paz. Mas elas negam-se quando conhecer a estratégia de Lisístrata. É a primeira e espontânea resposta.

Na obra a sexualidade e o amor são “o consolo”. São muito importantes.

Cleonice: “Eu não poderia, por mim, que prossiga a guerra! Que caminhe por cima da fogueira, eu vou! Mas, meu consolo, que há como isso?”

Lampito: “É muito difícil que as mulheres durmam sem casulo, totalmente sozinhas” Lisístrata as convence uma por uma. Seus argumentos são a solidão; “¿Não têm desejos dos pais de seus filhos? Que ficam longe, no exército, bem me sei, todas têm um marido bem longe”, o envelhecimento sem homem e à morte;

Lisístrata; “¿E as moças, vão-se secando e envelhecendo sozinhas em suas pequenas camas?”

Como uma estrategista tem tudo cuidadosamente pensado.

Juram ante a Deusa Persuasão e as outras Deusas com um sacrifício, mas não sobre um escudo de guerra, tal como acontecia nas tragédias de Eurípides. O juramento propicia “A fertilidade das fêmeas” e todas elas vão selar seu juramento bebendo um copo enchido de vinho;

“Eu viverei sem amor e sem homem, vestida com minha bata cor de açafreão e bem arrumada, a meu marido nunca lhe darei o gosto, mas se contra me vontade ele me forçar, não me enroscarei nele nem o abraçarei, nem levantarei meus pés para o teto, nem farei nenhum movimento...”

Um grupo de mulheres mais velhas consegue a tomada da fortaleza Acrópole, o templo sagrado da deusa Atena, trancam as portas e ficam entrincheiradas. Assim controlam o tesouro da Deusa. É o dinheiro utilizado para a guerra.

Os homens sitiavam a fortaleza.

Corifeu de homens; “Sim, Eurípides tem razão. Não há no mundo raça mais detestável que as mulheres”

A cena ridiculariza o esforço, absurdo, de ascender uma colina carregando troncos de árvore, muito pesados, e logo ficar envoltos na fumaça da fogueira, que foi feita para obrigar às mulheres rebeldes a retirar-se do templo. A fumaça ao contrário começa afogar aos mesmos sitiadores. É uma subtil paródia ao valor e a glória dos homens na guerra.

Então vêm as mulheres, todas, de todos os estratos sociais, dispostas a enfrentar aos homens surpreendidos, atônitos e temerosos.

Lisístrata; “Ora, minhas aliadas, minhas mulheres, ¡saíam de dentro! vendedoras de legumes, de prazeres, aquelas que andam vendendo alhos e sementinhas, e vocês as padeiras e as camareiras das hospedagens, nossa hora chegou.

São muitas, batalhões, enxames. Levam baldes de água, brigam, não têm medo e apagam o incêndio;

Lisístrata; “¡Prende-eles e dêem uma boa surra, lhes arranque os cabelos, sem vergonha, sem pudor...”

Os homens sofrem a derrota.

O diálogo que enfrenta a Lisístrata com o Magistrado é fundamental na obra.

Lisístrata; “¿Que se tinha pensado?¿que nós éramos uma legião de escravas?”

Um pensamento livre anima a nossa heroína e a todas as mulheres unidas da Grécia.

Corifeu de mulheres; “¿Como não dar conselhos aos cidadãos? ¿Que importa se eu nascer fêmea? ¿O acaso eu não pago meu tributo? ¡Meu tributo são os filhos varões!”

Lisístrata; “¡As mulheres sofreram duplamente com a guerra! ¡Primeiro parimos filhos e depois levam eles para combater!”

Comissário; “¡Cale a boca, mulher! Não fique recordando coisas tristes!”

As mulheres, representantes da vida triunfam. O ardor sexual e o amor têm mais poder que a destruição e a rivalidade entre os homens.

A figura de Lisístrata põe termo a denigração da mulher que aparece na alocução dos homens e no coro masculino, sempre ligando à função da mulher com o lar.

Primeiro semi-coros; “**Ai o que se vê quando a gente vive uma longa vida, mulheres que estamos nutrindo, peste que no lar guardamos...**”

A pressão do sexo é tão grande que as próprias mulheres começam a abandonar a luta.

Lisístrata: “**Já não consigo mantê-las longe dos maridos; elas fogem.**”

Ela recorda-lhes que os homens também ardem em desejo, é questão de suportar um tempo mais.

Mensageiro; “Estamos sem fôlego, e não só nós, também os nossos aliados”

Cinésias impulsionado pelo desejo procura a Mirrina, sua mulher. Lisístrata instruiu a ela para que demore mais tempo a união, que se aproxime, escute ele, acaricie, mas que evite a relação sexual. O desejo de Cinésias aumenta.

Corifeu de homens: “**Compreendo você e me compadeço, não há rins que suportarem, não há almas que possam agüentar, nem um lombo, você até parece que criou rabo no lado oposto, lhe falta sua massagem matutina**”.

Um mensageiro é encarregado de chamar aos embaixadores de todas as partes em conflito.

A paz se estabelece.

Um espartano: “Que se nos deu a paz seja como for e de qualquer maneira, incondicionalmente”.

Lisístrata recorda qual foi o motivo que iniciou a guerra, tem intenção de apaziguar antigos rancores e, no entanto, assinou se o acordo da paz.

Lisístrata; “Vou-lhes recriminar as falhas mais estúpidas que uns e outros cometem”.

A alegria se manifesta numa festa com danças.

Lisístrata; “Como filhos da mesma família borrifando com libações os altares”

E agradecem a Lisístrata;

Embaixador de Esparta; “Nunca vi em minha vida uma mulher tão formosa!”

Ministro: “Eu também não vi outra mais bela.”

Lisístrata: “Dantes há que estabelecer os juramentos e a conciliação. Depois de concluído o acordo que cada homem pegue a sua mulher e leve para casa”

E a cada homem regressa com sua mulher; “Espartanos, levem as vossas mulheres. E vocês atenienses, façam o mesmo”

“O varão junto a sua mulher, a mulher junto a seu marido”.

A história

Depois de terminar a guerra contra os persas, surgem duas cidades-estado muito fortalecidas pela vitória, dando assim o início da rivalidade e a luta pelo domínio do mundo grego: Atenas, uma “democracia” com seus aliados da Liga de Delos, e Esparta, uma aristocracia, governada por um “tirano” e seus aliados, da Liga do Peloponeso.

Estas alianças se produzem para a dominação e a extorsão imperialista, e seus objetivos são a cobrança de tributos, as riquezas, as vias comerciais e as terras das cidades mais débeis.

O destino dos derrotados, das cidades “castigadas” por seu não alinhamento a uma Liga e em consequência não tomar parte na guerra dos estados mais poderosos, é o saque, a escravidão e a morte.

*Entre 431 a.C. e 404 a.C. estoura a **Guerra do Peloponeso**, entre Atenas e Esparta. No 421 a.C. acorda-se uma paz frágil.*

Em 415 a.C. Atenas, ainda em guerra com Esparta, envia um exercito para a Sicília com o fim de deter o avanço de Siracusa, uma aliada de Esparta, que foi atraída pela informação secreta de seus espiões sobre a riqueza da cidade siciliana de Segesta e já tendo em vista a conquista da Sicília.

A Assembléia debate a invasão entre os generais que apoiaram a guerra, (Alcibíades), um amigo de Sócrates, e os generais que eram inimigos da expedição (Nícias).

Decide-se o envolvimento na campanha. Com um total de 40.000 homens entre a frota e o exército.

Os invasores comprovam que não há nenhum tesouro em Segesta, então decidem lançar um ataque contra Siracusa a mais poderosa cidade da Sicília. Alcibíades é acusado da profanação do templo de Hermes ao destruir os pênis das estátuas públicas, e também de passar para o lado dos espartanos.

Após do primeiro triunfo dos atenienses, acontece na segunda batalha para tomar Siracusa, -413 a.C., que os atenienses caem numa situação caótica e desesperante e são destruídos. Nícias e os outros comandantes são assassinados pelos vencedores.

Uma grande parte dos homens morre, a maioria dos prisioneiros morre pouco depois nas pedreiras sicilianas, outros são vendidos como escravos, e muito poucos conseguem voltar para seus lares.

Lisístrata estréia-se neste momento trágico da história, em 411 a.C.; numa Atenas sem homens, e com muitos mortos.

Lisístrata; **“Por essas ruas ouvimos dizer; ¿Já não há homens nestas terras?”**

No ano 405 a.C., Esparta derrota definitivamente Atenas, que fica rendida depois do massacre, a invade e lhe impõe sua forma de governo; a aristocracia.

Como resultado da debilidade e a devastação causada pela guerra, Filipe II da Macedônia invade todo o território.

A Feminilidade

Freud: **“Dizemos também em relação às mulheres que seus interesses sociais são mais fracos, assim como é menor a sublimação do pulsional.**

“Do primeiro derivasse o anti-social que é traço inequívoco de todas as ligações sexuais.”

A história de Lisístrata mostra que a união das mulheres para alcançar a paz conduz à reconciliação dos casais.

A função suprema da mulher é o amor. Na obra, os homens estão envolvidos numa guerra interminável. É o princípio de realidade que predomina sobre o princípio do prazer, a falta de homens pela guerra que obriga as mulheres a unir-se para poder defender a vida de seus homens e seus filhos. Quando se assina a paz os casais voltam a se unir e depois se afastam do grupo; **“O varão junto com sua mulher, e a mulher junto com seu marido”.**

Se bem que a união sexual separa ao indivíduo da sociedade, o impulso sexual inibido em seu fim sustenta os ternos laços do casal e a família, e também os vínculos eróticos dos grupos sociais, assim como na união solidária de Lisístrata e suas colegas, e na paz alcançada.

Na obra, a capacidade de amar dessas mulheres é o único que pode sustentar os laços sociais ao fim de evitar a guerra.

Diz Rascovsky; ¿.....(se) conseguirá engendrar uma reação depressiva capaz de evitar a destruição por meio de um incremento do amor?

No texto, a guerra é resultado da rivalidade entre homens e está ao serviço da corrupção e dos interesses políticos do imperialismo;

Comandante; “¿Então e por causa do dinheiro que fazemos guerras?”, E agrega isto; “Esses dinheiros são para a guerra”

Lisístrata; “Primeiro, ¿por que é necessário que haja guerra?”

As mulheres convocadas por Lisístrata pertencem a todas as classes sociais. O grupo que acompanha a ela é heterogêneo, com personalidades diferentes. Todas as mulheres têm a mesma determinação, e uma força idêntica.

A comédia expor a dor da alma feminina; os filhos, a solidão, a velhice e a morte.

E Lisístrata denuncia o filicídio.

Mais profundamente que as causas sócio-políticas e econômicas, para além do “escuro impulso ao domínio que tem os homens”, (Freud), segundo A. Rascovsky as causas profundas da guerra são devido à necessidade humana de matar periodicamente aos filhos.

Freud assinala um dos destinos possíveis do desenvolvimento da feminidade; a inibição dos aspectos fálicos. Outro seria a fixação fálica quando a menina desmente a carência do pene. Não é o caso de Lisístrata nem de suas colegas.

As decisões e as ações de Lisístrata e suas colegas não são respostas movidas pelo ódio aos varões, tampouco uma rivalidade fálica. São por amor. Seus atos são um modelo da capacidade fálica da mulher, que é imprescindível para a vida e neste caso fica livre da inibição neurótica estudada por Freud.

Aqui as mulheres, longe da passividade e a submissão, amam, pensam, decidem, brigam;

Lisístrata; “... e nós caladas, mas pouco depois voltava eu a perguntar. – não é do seu interesse - dizia o marido - você tece sua teia e só isso... - a guerra é coisa de homens”

Cleónice; “Hoje a guerra também toca às mulheres”

Para Aristófanes o amor é profundo; nasce e fica ancorado na sexualidade, no corpo, padece de saudade do objeto, alegre e alimenta dando sentido á vida, é o suporte, o “conforto” para a solidão, a dor, as dificuldades da vida, e diante a morte.

Devido á decisão de rejeitar ao marido, Cleonice diz: “... dormir sozinha totalmente”.

Elas são mulheres com distintas histórias, aparências, jeitos, e anos vividos. Todas sentem e vivem com a necessidade do amor e também dos seus frutos; juram por “a fertilidade das fêmeas”

E conseguem despertar a dor nos homens;

Comissário; “cale a boca, não fique recordando coisas tristes”.

Lisístrata muda a ordem das coisas, põe “acima o que estava abaixo”.

¿É a memória da pré-história, do tempo da Deusa Universal, de herança matrilinear onde os grupos são governados por a mãe – o símbolo da grande deusa? Civilizações agrícolas, não eram guerreiras, primitivas, a irmandade humana era a lei suprema, e matar seu semelhante, um irmão, filho da deusa, o pior dos crimes.

É oposta à cultura clássica grega, selvagemmente patriarcal, de guerreiros num processo de alianças imperialistas.

As mulheres gregas são muitas vezes compradas no mercado de escravos, ou conseguidas por meio de pilhagem, como Clitemnestra que vê a Agamenon matar a seu menino e a seu marido.

Segundo Junito Brandão, para os gregos as mulheres têm o dever de; “não ver, não escutar, não falar, e dar o mais rapidamente possível um sucessor varão a seu esposo”.

¿As ações das protagonistas são motivadas pela ativação da memória arcaica e à tentativa de recuperar uma suposta primazia da mulher?

O direito materno é de filiação matrilinear. É uma organização social centrada na mãe – rainha representante da deusa senhora da vida e da morte. Não significa a submissão nem que as mulheres tinham domínio sobre os homens.

O mito do domínio das mulheres surge do patriarcado e a ideologia da supremacia do falo.

A sujeição e denigração sobre a mulher foi estabelecida pelo patriarcado e coincide com descoberta do controle da fertilidade das fêmeas e controle da

sexualidade feminina, o desenvolvimento da gadaria e da herança dos excedentes da produção.

De fato as mulheres da comédia integram as lembranças da grande-deusa herdadas da pré-história matrilinear, para uni-las ao amor genital. Em tempos da deusa o ideal do amor é a dupla mãe - filho; que é muito diferente da vontade de amor ao homem no convite de Lisístrata.

O câmbio na ordem das coisas não é uma troca do mítico domínio das mulheres sobre os homens. É uma nova ordem, uma concepção do mundo sem guerra, sem rapina imperialista, sem subordinação. Um ideal e também uma esperança.

Essas mulheres usam a capacidade de dominação e manejo fálico sobre os homens para deter o impulso de morte (Thanatos) dos humanos que é atuado pelos homens na guerra, e assim resguardem o amor de mulheres e homens e a vida.

"Mães, sois vós que tendes nas mãos a salvação do mundo" (L. Tostoi)

A Idéia Messiânica

"Odeio a mulher bacharela. Queira Deus que não entre em minha casa uma mulher que saiba mais do que uma mulher deve saber". (Eurípides) cit. por A.M. Shua

Lisístrata encarna uma idéia messiânica. Bion descreve assim uma idéia nova, uma idéia de salvação, nascida dos pensamentos sem pensador em condições de dor e crise num grupo humano. São as condições históricas na Grécia quando Aristófanes escreve sua comédia.

Lisístrata proclama a linguagem da realização chegando ao coração das mulheres e dos homens gregos. Por isso ela foi escutada, consegue acordo entre rivais, põe em evidência a miséria da disputa e dos interesses da guerra. E por isso atinge o tamanho e o reconhecimento de uma estadista.

E dizem; **"jamais em minha vida vi mulher mais bela!"**

Toca o coração dos leitores e espectadores da obra ao longo dos séculos, de todos os que amam a paz, e o nosso. Ela é revolucionária e uma heroína imortal, assim como a vontade dos heróis gregos.

A idéia messiânica de Aristófanes encarna-se em sua criatura, Lisístrata e outras tantas Lisístratas.

Aristófanes, ateniense, 445, 455- 585 a.C. um autor de comédias das que se conservam onze, foi muitas vezes premiado. De grande atividade política, um observador cuidadoso da vida quotidiana, cada um de seus personagens fala do acordo com sua classe social, profundamente crítico, pacifista em contra da guerra, uma luta que é refletida na sua obra.

Muito querido pela gente por sua defesa dos antigos mitos da deusa, e por isso mesmo um opositor de Sócrates, inimigo da velha religião, que dirige o pensamento ao homem e de Eurípides, amigo do filósofo.

Graves diz; **"Sócrates, ao virar as costas aos mitos poéticos, voltava sua mirada na deusa Lua que os inspirou e que exigia que o homem rendesse a sua mulher sua homenagem espiritual e sexual. O amor socrático é realmente o amor platônico, a evasão do filósofo ao poder da deusa para assim poder entregar-se à homossexualidade intelectual".**

Ao longo da história aparecem. Nós nos encontramos com dois, em dois filmes; “Absurdistán” de Veit Helmer, 2008, que projetamos em Cipea e “A fonte das mulheres” de Radú Mihaleanu, 2012. Os dois filmes fazem referência a situações reais.

As modernas Lisístratas lutam com as mesmas armas e do mesmo modo; “a greve de amor”. Aqui a briga acontece pela água, elemento vital. Nos dois casos está presente o filicídio. Também o amor. E também como Lisístrata conseguem o triunfo.

As mulheres mostram sua capacidade de viver e de lutar apesar das condições históricas, sem absolutamente direitos individuais nem sociais, numa vida confinada ao gineceu grego, completamente dependentes do cônjuge varão, uma sociedade profundamente misógina, onde as mulheres não são cidadãs gregas, e são humilhadas com castigos e violência.

*No entanto, apesar de viver num sistema social e cultural que ataca e fere a essas mulheres no **“centro de gravidade de seu ser, ali onde uma pessoa se encontra ancorada e onde é autêntica e íntegra”**, (S. Márai), as protagonistas são dignas e donas da força mental necessária para albergar a idéia messiânica, tolerar a mudança catastrófica e conseguir a paz.*

¿Como explicar esta força e determinação das mulheres nestas culturas humilhantes e obstinadamente machistas?

Podemos pensar que não há uma ação direta da realidade e do meio sobre a mente infantil. Os estímulos externos estão mediados pelas relações edípicas pessoais, e... o amor sempre existe apesar da força mortífera humana (Thanatos).

Todas as camaradas de Lisístrata desfrutam dos rasgos femininos, a atração erótica, o lar, os filhos, e no cuidado dos homens e da vida;

Comissário; “¿Com que direito?”

Lisístrata; “Salvar sua vida”

Não foi sabida a existência na realidade material de aquele movimento revolucionário de Lisístrata e suas mulheres.

Temos presente o que Bion dizer; são “personagens de ficção fortemente vivos”.

Nós escrevemos este trabalho e queremos compartilhá-lo porque ficamos muito comovidas com a luta de Lisístrata e aquelas mulheres pela vida e pela paz.

